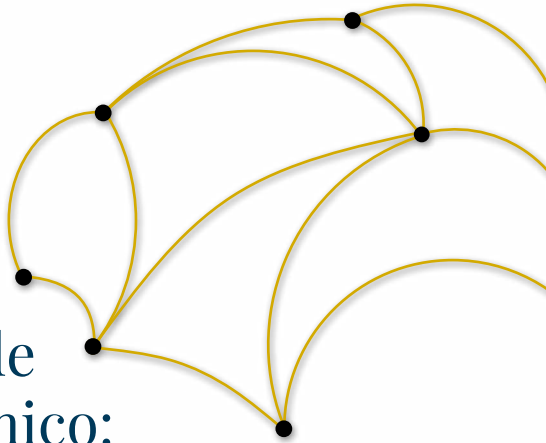


Capítulo 1



Linguagem, Identidade e Intercâmbio Acadêmico:

Uma abordagem discursiva da internacionalização atravessada por relações de poder em um estudo de caso brasileiro

Olira Saraiva Rodrigues
Ivonete Bueno dos Santos

Resumo: Este capítulo conceitualiza a internacionalização como um processo complexo, relacional e atravessado por relações de poder, a partir da análise da trajetória de um estudante brasileiro de 14 anos, denominado Ed, durante um programa de intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos. Fundamentado em uma abordagem qualitativa, interpretativista e construtivista, o estudo investiga como a linguagem atua como prática social e discursiva na construção, negociação e reposicionamento de identidades. Ancorado em perspectivas foucaultianas de discurso e subjetivação, articuladas a debates contemporâneos sobre internacionalização, o estudo argumenta que contextos de mobilidade acadêmica funcionam como espaços nos quais regimes de saber, legitimidade e participação moldam as trajetórias dos sujeitos. Os dados, provenientes de análise documental, são interpretados como artefatos discursivos que produzem processos de posicionamento e reconhecimento. Os resultados demonstram que a internacionalização não é um processo linear de adaptação, mas uma experiência multidimensional que envolve mobilidade linguística, cultural e pessoal. Este estudo contribui ao propor uma reconceitualização crítica da internacionalização como um processo discursivamente construído e atravessado por relações de poder.

Palavras-chave: Mobilidade estudantil; Experiência intercultural; Processos de reconhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização tornou-se um dos paradigmas mais proeminentes e influentes no ensino superior contemporâneo. É comumente associada à mobilidade estudantil, à competência intercultural, à cidadania global e à competitividade institucional. Universidades em todo o mundo têm investido cada vez mais em programas de intercâmbio, parcerias estratégicas e políticas destinadas a promover o engajamento internacional. Apesar de sua crescente centralidade, no entanto, a internacionalização é frequentemente abordada por meio de estruturas instrumentais e orientadas por métricas, privilegiando indicadores quantificáveis, como matrículas de estudantes internacionais, fluxos de mobilidade e rankings institucionais (De Wit, 2020).

Tais abordagens tendem a obscurecer a complexidade das experiências vividas e os processos por meio dos quais os indivíduos se envolvem, negociam e dão sentido à internacionalização. Elas frequentemente se baseiam na suposição de que a mobilidade é inerentemente benéfica, levando ao crescimento pessoal, à compreensão intercultural e ao desenvolvimento acadêmico. No entanto, estudos recentes têm contestado essas suposições, enfatizando que a internacionalização não é nem neutra nem universalmente positiva (Marginson, 2022; Stein, 2020).

De uma perspectiva crítica, a internacionalização pode ser entendida como um processo profundamente enraizado nas relações de poder. Ela abrange sistemas de inclusão e exclusão, mecanismos de reconhecimento e normalização, e práticas discursivas que definem o que é considerado conhecimento legítimo, participação aceitável e desempenho bem-sucedido. Nesse contexto, os programas de estudos no exterior não são simplesmente locais de aprendizagem, mas espaços nos quais as identidades são continuamente construídas, negociadas e contestadas.

A língua desempenha um papel central nesses processos. Em vez de funcionar apenas como uma ferramenta de comunicação, ela opera como uma prática mediadora por meio da qual os indivíduos obtêm acesso à participação, visibilidade e legitimidade. Por meio da língua, os estudantes são posicionados dentro de estruturas institucionais, avaliados de acordo com normas específicas e reconhecidos – ou não – como participantes legítimos em contextos acadêmicos e sociais (Kramsch, 2009; Pennycook, 2021).

À luz dessas considerações, este estudo vai além das perspectivas orientadas para resultados para examinar os processos por meio dos quais a internacionalização é vivenciada e negociada. Ele é guiado por três questões analíticas inter-relacionadas: como a linguagem medeia a participação e o reconhecimento em contextos de estudos no exterior; como as identidades são construídas e negociadas por meio de práticas institucionais; e como as dimensões culturais, linguísticas e pessoais da mobilidade se cruzam na formação das experiências de internacionalização.

Ao analisar a trajetória de um estudante brasileiro participante de um programa de intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos, este capítulo oferece um relato aprofundado e fundamentado teoricamente sobre a internacionalização como uma experiência vivida, relacional e marcada por relações de poder. Ao fazê-lo, contribui para o campo ao promover uma compreensão mais matizada e criticamente fundamentada da educação internacional, destacando o papel central da língua, da identidade e do discurso.

Este capítulo também aborda uma lacuna na literatura ao examinar como os discursos institucionais mediam a construção de identidade em contextos de estudo no exterior por meio de análise baseada em documentos. Mais especificamente, ele busca esclarecer como as práticas institucionais cotidianas – muitas vezes consideradas naturais – moldam ativamente formas de participação, reconhecimento e pertencimento, influenciando assim a forma como a internacionalização é vivida no nível das trajetórias individuais.

2 MARCO TEÓRICO (PARTE 1)

2.1 A linguagem como prática discursiva

Neste estudo, a linguagem é concebida como uma prática social e discursiva, e não como um meio neutro de comunicação. Com base em Kramsch (2009), a linguagem é entendida como um sistema simbólico por meio do qual os indivíduos constroem significado e se posicionam dentro de contextos culturais e institucionais específicos. É por meio da linguagem que os indivíduos obtêm acesso à participação, negociam identidades e se envolvem com as realidades sociais. Pennycook (2021) enfatiza ainda mais a dimensão crítica da linguagem, destacando sua inserção nas relações de

poder. A partir dessa perspectiva, a linguagem não é apenas moldada pelos contextos sociais, mas também os molda ativamente. Ela determina quem pode falar, o que pode ser dito e como o significado é interpretado. Em contextos educacionais, a linguagem torna-se um mecanismo-chave por meio do qual os alunos são avaliados, reconhecidos e posicionados. Para aprofundar a compreensão de como a internacionalização opera além de interpretações superficiais, este estudo recorre às perspectivas foucaultianas de discurso, poder e subjetivação (Foucault, 1972, 1977, 1982).

Para Foucault, o discurso não é meramente linguagem ou comunicação, mas um sistema de representação que produz conhecimento, regula o comportamento e molda a subjetividade. O discurso determina o que pode ser dito, quem pode falar e o que é considerado verdade dentro de um determinado contexto. Nas instituições educacionais, as práticas discursivas definem o que é reconhecido como conhecimento legítimo, comportamento adequado e desempenho bem-sucedido. Essas práticas não são neutras; elas estão inseridas em relações de poder que estruturam a participação e o acesso. A partir dessa perspectiva, o poder não é simplesmente repressivo, mas produtivo. Ele produz sujeitos ao definir normas e expectativas que os indivíduos internalizam. Os estudantes em contextos internacionais não são meramente participantes; eles são constituídos como sujeitos por meio de práticas institucionais que os classificam, avaliam e regulam. A subjetivação refere-se ao processo pelo qual os indivíduos se tornam sujeitos dentro desses sistemas de poder. Em contextos de estudo no exterior, os estudantes são continuamente posicionados por meio de discursos institucionais – tais como avaliações, notas e reconhecimentos – que moldam a forma como eles se entendem e como são percebidos pelos outros. Assim, a internacionalização pode ser entendida como um espaço de formação de sujeitos, onde os indivíduos são tanto capacitados quanto limitados por regimes institucionais de conhecimento e poder.

2.2 Identidade, Investimento e Mobilidade

Neste estudo, a identidade é abordada como algo dinâmico, relacional e em constante construção. Seguindo Hall (1996), a identidade não é uma essência fixa, mas um processo de devir, moldado pela diferença, pelo posicionamento e pela interação. Da mesma forma, Bauman (2005) enfatiza a natureza fluida e instável da identidade nas sociedades contemporâneas.

No campo da linguística aplicada, Norton (2013) introduz o conceito de investimento em identidade, destacando como a aprendizagem de línguas está intimamente ligada aos desejos, aspirações e futuros imaginados dos indivíduos. Os aprendizes investem na língua não apenas para adquirir habilidades, mas para obter acesso a recursos simbólicos e materiais, incluindo reconhecimento, legitimidade e pertencimento.

Darvin e Norton (2021) ampliam esse quadro ao incorporar dimensões globais de poder, capital e ideologia. Eles argumentam que a identidade é moldada não apenas por interações locais, mas também por estruturas mais amplas, como a globalização, a desigualdade e as hierarquias institucionais. Dentro desse quadro, a mobilidade não se limita ao movimento físico. Ela envolve um reposicionamento simbólico e social, à medida que os indivíduos navegam por novos contextos e renegociam suas identidades. Como argumentam Brooks e Waters (2021), a mobilidade estudantil deve ser entendida como um processo complexo que envolve mudanças na identidade, no sentimento de pertencimento e no posicionamento social.

2.3 Perspectivas contemporâneas sobre a internacionalização

Estudos recentes reformularam significativamente a compreensão da internacionalização, indo além das narrativas celebrativas em direção a perspectivas mais críticas e matizadas. Marginson (2022) destaca as desigualdades globais que estruturam a educação internacional, enfatizando que o acesso à mobilidade é distribuído de forma desigual e moldado por fatores econômicos, políticos e sociais. Isso desafia a suposição de que a internacionalização é universalmente acessível ou benéfica. Stein (2020) apresenta uma crítica descolonial, argumentando que a internacionalização frequentemente reproduz hierarquias coloniais ao privilegiar os sistemas de conhecimento ocidentais e marginalizar epistemologias alternativas. A partir dessa perspectiva, estudar no exterior pode reforçar as assimetrias de poder existentes, em vez de rompê-las. Rizvi (2023) situa a internacionalização dentro de transformações geopolíticas mais amplas, enfatizando o papel dos fluxos globais de pessoas, capital e conhecimento. Ele argumenta que a mobilidade deve ser entendida em relação a essas dinâmicas mais amplas, e não como um fenômeno educacional isolado. Juntas, essas perspectivas apoiam uma compreensão crítica da internacionalização como um processo

complexo, marcado pelo poder e relacional. Elas reforçam a necessidade de examinar como a língua, a identidade e as práticas institucionais interagem na formação das experiências dos estudantes.

3 METODOLOGIA

3.1 Desenho da pesquisa

Este estudo adota um desenho de estudo de caso qualitativo e interpretativo. O participante, referido como Ed, é um estudante brasileiro de 14 anos que participou de um programa de estudos no exterior com duração de seis meses nos Estados Unidos. Essa abordagem é particularmente adequada para examinar fenômenos complexos e situacionais, pois permite uma exploração aprofundada dos processos que se desenrolam em contextos específicos (Merriam & Tisdell, 2016). Em vez de buscar generalizações, o estudo visa proporcionar uma compreensão rica e fundamentada teoricamente de como a internacionalização é vivenciada e negociada no nível individual, dentro de dinâmicas sociais, culturais e institucionais mais amplas ao longo do tempo.

3.2 Participante e Contexto

O participante, referido como Ed (pseudônimo), é um estudante brasileiro que participou de um programa de estudos no exterior de seis meses nos Estados Unidos. A experiência ocorreu em um ambiente educacional formal, onde o estudante estava matriculado em aulas acadêmicas regulares e participava de atividades institucionais. A escolha de um único caso é intencional. Ela permite uma análise detalhada e matizada de processos que muitas vezes são negligenciados em estudos de grande escala. O objetivo não é representar todos os estudantes internacionais, mas esclarecer como a internacionalização opera em uma trajetória específica.

3.3 Geração de dados: análise documental

Os dados foram gerados por meio da análise documental, incluindo: boletins escolares; certificados de conclusão; reconhecimentos institucionais;

avaliações de professores; e comentários e mensagens escritas. É importante ressaltar que esses documentos não foram tratados como registros neutros. Em vez disso, foram abordados como artefatos discursivos – textos que tanto refletem quanto produzem realidades sociais.

Segundo Prior (2018), os documentos são entendidos como parte das práticas sociais. Eles não se limitam a descrever o desempenho; eles constroem ativamente significados, identidades e formas de reconhecimento.

3.4 Procedimentos analíticos

A análise seguiu uma abordagem recursiva e interpretativa, orientada pelo marco teórico. Os dados foram examinados por meio de leituras repetidas, permitindo que padrões de significado emergissem.

Três dimensões analíticas orientaram o processo: Participação: como o aluno se envolve nas práticas institucionais; Posicionamento: como o aluno é representado e reconhecido; e Construção de identidade: como a subjetividade é moldada por meio desses processos.

Em vez de se basear em procedimentos rígidos de codificação, a análise priorizou a profundidade e a coerência teórica.

3.5 Rigor metodológico e ética

Para garantir o rigor, o estudo incorporou: reflexividade: consciência do papel interpretativo do pesquisador; triangulação teórica: integração de múltiplas perspectivas teóricas; e coerência analítica: alinhamento entre dados e teoria. Do ponto de vista ético, todas as informações de identificação foram removidas, e o participante foi anonimizado. O estudo segue os princípios de confidencialidade e uso responsável dos dados.

Para aumentar a credibilidade analítica, o estudo se baseia na triangulação teórica e mantém a consciência reflexiva do processo interpretativo. A análise prioriza a profundidade em detrimento da generalização, com o objetivo de proporcionar uma compreensão conceitualmente fundamentada da internacionalização.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise centra-se na trajetória de Ed no contexto do estudo no exterior¹, examinando como a participação, o reconhecimento e a identidade são construídos discursivamente por meio de práticas institucionais. Sua trajetória ilustra que o estudo no exterior não é meramente uma experiência educacional, mas um processo complexo e marcado pelo poder, moldado por meio da mediação linguística e discursiva. Embora os documentos institucionais apresentem uma narrativa aparentemente coerente de sucesso acadêmico, um exame mais detalhado revela processos subjacentes de posicionamento, normalização, negociação de identidade e a construção contínua de legitimidade dentro dos contextos institucionais.

4.1 Reconhecimento acadêmico e visibilidade institucional

Um momento crucial na fase inicial da experiência é marcado pelo reconhecimento acadêmico inicial do aluno:

Figura 1 – Certificado de Excelência

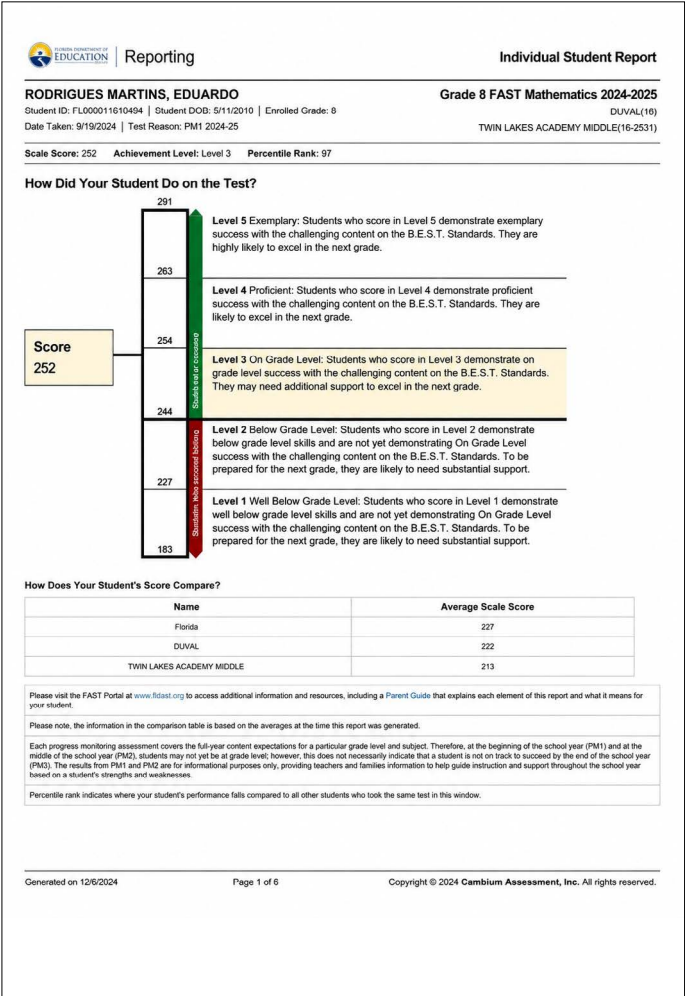


Fonte: Arquivo pessoal.

1 Este estudo de caso foi apresentado na International Conference on Information and Education Innovations (ICIEI-25) em 2025, em Chicago, EUA.

Este certificado pode ser interpretado como um evento discursivo por meio do qual o aluno se torna visível ao olhar institucional. A expressão “Desempenho Acadêmico Notável” não se limita a descrever o desempenho; ao contrário, ela constrói ativamente um sujeito alinhado às expectativas institucionais. A partir de uma perspectiva foucaultiana (Foucault, 1977), tal reconhecimento opera como um mecanismo de normalização, definindo o que conta como sucesso legítimo. À medida que a experiência se desenrola, tornam-se evidentes novas evidências de alinhamento com as expectativas institucionais:

Figura 2 – Avaliação de Matemática



Fonte: Arquivo pessoal.

Os resultados da avaliação indicam não apenas uma melhoria acadêmica, mas também um alinhamento crescente com as normas institucionais de avaliação. A aprendizagem é enquadrada por meio de critérios padronizados, reforçando o que é reconhecido como conhecimento válido. Isso sugere que o desenvolvimento acadêmico é indissociável do alinhamento discursivo com as expectativas institucionais.

4.2 Posicionamento institucional por meio da avaliação

O posicionamento do aluno torna-se progressivamente estabilizado por meio da avaliação acadêmica contínua (Figura 3)

O boletim escolar funciona como um instrumento regulador que classifica e posiciona o aluno dentro das hierarquias institucionais. Expressões como “atende às expectativas” e “supera as expectativas” refletem referenciais normativos que definem o desempenho aceitável. Nesse sentido, a identidade é moldada por meio de categorias avaliativas que regulam a participação. O reconhecimento vai além do desempenho acadêmico, abrangendo formas mais amplas de envolvimento institucional (Figura 4):

Este certificado amplia o reconhecimento para além do desempenho acadêmico, indicando a participação em práticas sociais e institucionais. Isso sugere que a legitimidade não se restringe ao desempenho cognitivo, mas também abrange o alinhamento comportamental com os valores institucionais. Dessa forma, o aluno é avaliado não apenas pela competência acadêmica, mas também pela capacidade de incorporar as normas esperadas de conduta e engajamento.

4.3 Reconhecimento e inclusão institucional

Um momento particularmente significativo de reconhecimento institucional surge por meio do convite a seguir (Figura 5).

Este convite representa um ato discursivo de inclusão. Ele indica que o aluno não apenas está atendendo às expectativas, mas também é reconhecido como portador de ideais institucionais, tais como liderança, responsabilidade e excelência acadêmica. No entanto, tal inclusão é inerentemente condicional, refletindo o alinhamento com normas pré-definidas e reforçando a natureza seletiva e regulatória do reconhecimento. Esse processo é ainda mais consolidado por meio de uma confirmação formal (Figura 6).

Figura 3 – Boletim Escolar

DUVAL COUNTY SCHOOL BOARD SECONDARY REPORT CARD																			
DR. CHRISTOPHER BERNIER, SUPERINTENDENT																			
STUDENT NAME		STUDENT NUMBER		GRADING PERIOD		GRADE LEVEL		HOMEROOM		REPORT DATE									
Rodrigues Martins, Eduardo		20257929		Quarter 1		08				October 23rd, 2024		Year End Test							
PARENT NAME / ADDRESS		SCHOOL ADDRESS										PRINCIPAL		SCHOOL TELEPHONE					
RODRIGUES, OLIRA		Twin Lakes Academy Middle School - 2531 8050 Point Meadows Dr Jacksonville, FL 32256-7011										Aurelia Williams		904-538-0825					
												LAST PERIOD TEACHER		GUIDANCE TELEPHONE					
												Moms, Loma							
COURSE		DISTRICT SCHOOL		TEACHER GRADES		EOC FIN		PERIOD ABSENCES		COMMENTS		EARN CRED		TEACHER					
TITLE	NUMBER-SECT			1	2	3	4	SS	EXM	EOC	FIN	1	2	3	4	SUM			
MJ Civics	2106010 - 802	16-2531	02	A								0	2	0	0	0	0		
MJ Comp. Sci	2002100 - 802	16-2531	03	A								0	1	0	0	0	0		
MJ Gr 8 Pre-Alg	1205070 - 802	16-2531	04	A								0	1	0	0	0	0		
MJ Health GR 8S	0800350 - 802	16-2531	05	A								0	1	0	0	0	0		
MJ Intern Read 1	1000310 - 802	16-2531	10	B								0	1	0	0	0	0		
MJ LAs	1001070 - 802	16-2531	01	A								0	2	0	0	0	0		
				1st Quarter		2nd Quarter		3rd Quarter		4th Quarter		Summer		Total					
				Days		Days		Days		Days		Days		Days					
				Enr Exc Unk Tdy		Enr Exc Unk Tdy		Enr Exc Unk Tdy		Enr Exc Unk Tdy		Enr Exc Unk Tdy		Enr Exc Unk Tdy					
				42 0 2 0		4 0 0 0		0 0 0 0		0 0 0 0		0 0 0 0		46 0 0 0					
				Return to Homeroom Teacher within 3 days															
Please see information below for explanation of grades, absences, and comments																			
EXPLANATION OF GRADES										COMMENTS									
A: OUTSTANDING PROGRESS (90-100) B: ABOVE AVERAGE PROGRESS (80-89) C: AVERAGE PROGRESS (70-79) D: LOWEST ACCEPTABLE PROGRESS (60-69) F: FAILURE (50 AND BELOW)										I: INCOMPLETE J: IN PROGRESS K: ABSENCE APPEAL APPROVED L: NEEDS TO IMPROVE CLASS ATTENDANCE M: CONDUCT PROMOTES ACADEMIC PERFORMANCE N: CONDUCT DOES NOT HINDER ACADEMIC PERFORMANCE O: CONDUCT HINDERS ACADEMIC PERFORMANCE P: DOES NOT COMPLETE ASSIGNED WORK Q: DOES NOT COMPLETE MAKE UP WORK R: DOES NOT USE TIME WISELY S: DOES NOT CLASS UNPREPARED T: POOR TEST GRADES U: BEHAVIOR PRESENTS CLASS PROBLEM V: DOES NOT PAY ATTENTION W: INSUFFICIENT CLASS PARTICIPATION X: LACK OF COOPERATION Y: DOES NOT SEEK HELP Z: PARENT/TEACHER CONFERENCE REQUESTED									
* An asterisk in a grade column indicates student is working below grade level standards. PERIOD ABSENCES: The number of times the student was absent, excused or unexcused, from each period for each quarter																			

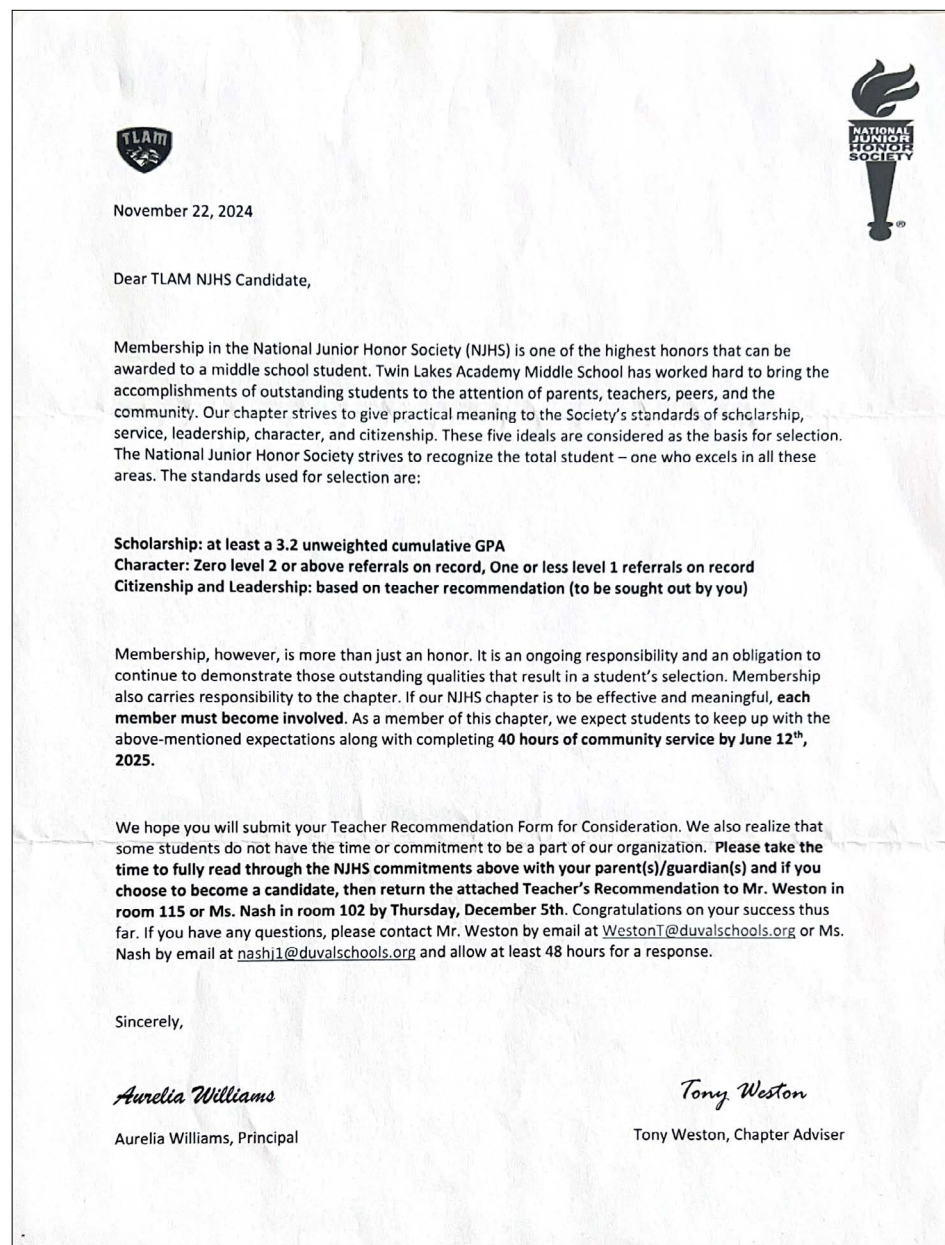
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 – Certificado de Apreciação



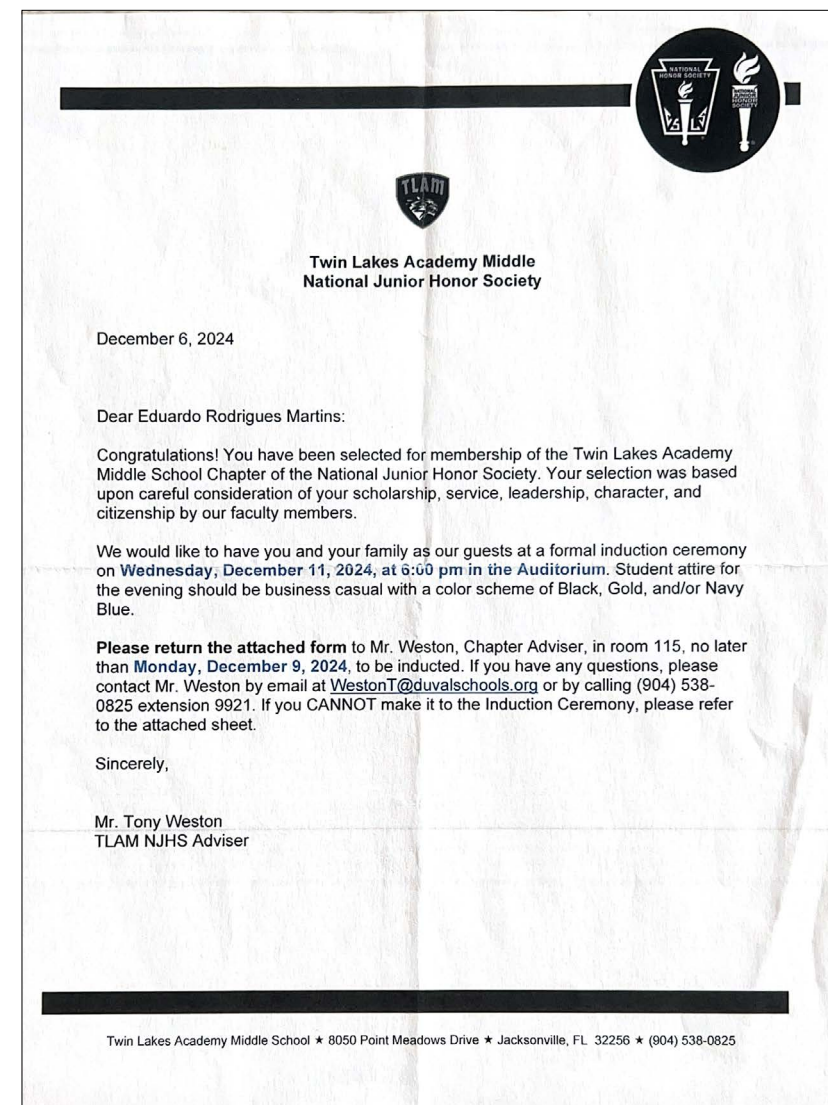
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 – Convite para a Sociedade Nacional de Honra Juvenil



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Confirmação da seleção para a NJHS



Fonte: Arquivo pessoal.

A confirmação reforça a legitimidade do aluno dentro da estrutura institucional, marcando uma transição da participação para o reconhecimento formal. Ela estabiliza a posição do aluno como sujeito legítimo. De uma perspectiva foucaultiana, isso pode ser interpretado como um momento de subjetivação, no qual o indivíduo é constituído como sujeito no âmbito do discurso institucional.

4.4 Reconhecimento, visibilidade e capital simbólico

A crescente visibilidade do aluno no contexto institucional torna-se particularmente evidente por meio do reconhecimento simbólico:

Figura 7 – Medalha de estudante do mês



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse prêmio funciona como uma forma de capital simbólico, aumentando a visibilidade e o status do aluno no âmbito institucional. Ele reflete não apenas o sucesso acadêmico, mas também a adequação a expectativas comportamentais e sociais mais amplas. O reconhecimento, nesse sentido, opera como um mecanismo por meio do qual os valores institucionais são reproduzidos e reforçados.

No entanto, é importante reconhecer que nem todas as formas de participação são igualmente reconhecidas, o que sugere a presença de hierarquias implícitas que moldam a visibilidade e a legitimidade.

Ao mesmo tempo, as avaliações dos professores oferecem uma forma mais matizada e detalhada de posicionamento:

Figura 8 – Avaliação de uma professora

Twin Lakes Academy Middle
Every Student. Every Day
8th Grade | English Language Arts
Ms. Abigail Ramos
Email: RamosA3@duvalschools.org

Name: Eduardo Martins Period: 1st/6th Laptop No.: 23 Date: 12/03 Score: A

Teacher Notes: Great Work!

Unit 2: Past and Present
Lesson 5: The Road Not Taken by Robert Frost
Essential Question: What makes you, you?
Spotlight Benchmarks and Lesson Objectives:
ELA.8.R.1.4: Analyze structure, sound, imagery, and figurative language in poetry.
ELA.8.R.3.1: Analyze how figurative language contributes to meaning and explain examples of symbolism in the text(s).
ELA.8.R.1.2: Analyze two or more themes and their development throughout a literary text.

Task 1: Complete the guided notes
Instructions:
1. Open the TEAM Channels and click on the slide deck titled "The Road Not Taken."
2. Carefully read through each slide, making sure to understand the key points. Use the information to complete your guided notes.
3. Work with your shoulder partner to discuss ideas, share insights, and ensure both of you complete the notes thoroughly.

Dear Eduardo,
I am so honored that I became your teacher. I always believed in you!
Love,
Ms. Ramos

Thank You!
My pleasure!!

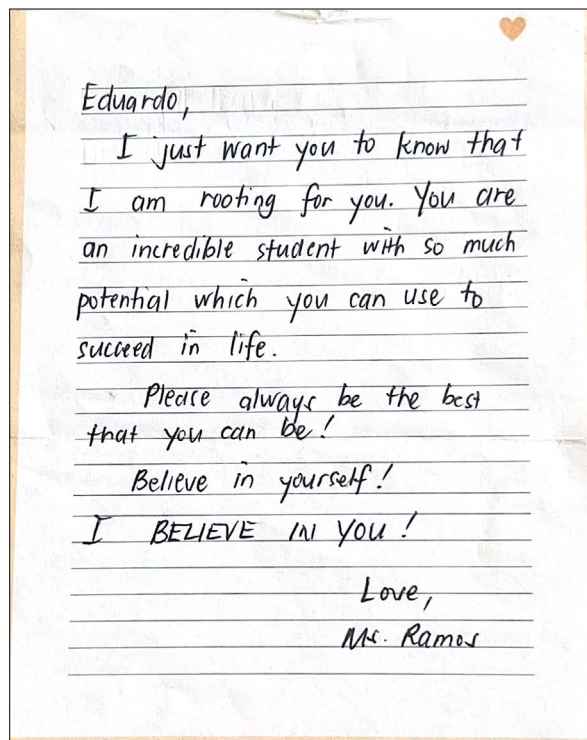
Fonte: Arquivo pessoal.

As avaliações dos professores funcionam como tecnologias de poder que classificam, descrevem e regulam o aluno. Por meio da linguagem, elas constroem a identidade em termos de participação, comportamento e competência. Afirmarções como “participa ativamente” ou “demonstra responsabilidade” não são descrições neutras, mas atos discursivos que definem formas aceitáveis de envolvimento.

4.5 Pertencimento e integração relacional

Além do reconhecimento formal, a dimensão relacional da experiência torna-se visível por meio de expressões afetivas (Figura 9).

Essas mensagens sugerem integração emocional e pertencimento relacional. No entanto, de uma perspectiva discursiva, o pertencimento não é meramente uma experiência subjetiva. Ele é construído ativamente por meio de atos repetidos de reconhecimento e validação. O aluno torna-se um “membro valorizado” da comunidade por meio da participação em práticas institucionais que afirmam a inclusão.

Figura 9 – Mensagem de despedida

Fonte: Arquivo pessoal.

4.6 Internacionalização além da mobilidade

O impacto da internacionalização se estende além do próprio período de mobilidade:

Figura 10 – Boletim da escola brasileira

COLÉGIO GALILEU		Boletim Escolar	
Aluno(a)	EDUARDO WITTER RODRIGUES MARTINS	Matricula	8528
Curso	Ensino Médio 1ª SÉRIE B - Matutino	Ano Letivo	2025
Resultado	Cursando	Emissão	23/04/2025

Fonte: Arquivo pessoal.

Este documento demonstra que os efeitos dos estudos no exterior continuam a moldar a trajetória acadêmica do aluno após o retorno, pois ao realizar a prova de nivelamento foi redirecionado para uma turma adiante. A experiência produz transformações duradouras no posicionamento, nas expectativas e nas formas de participação. A internacionalização, portanto, é melhor compreendida como um processo contínuo com implicações de longo prazo, em vez de uma experiência limitada ou temporária.

4.7 A internacionalização como reconfiguração da identidade

Em conjunto, a análise sugere que a internacionalização é mais eficazmente entendida como um processo de reconfiguração da identidade.

A trajetória de Ed reflete uma transição da participação periférica para a legitimidade institucional. No entanto, essa transição não é linear nem uniforme. Ela é moldada por condições discursivas e institucionais que definem o que conta como sucesso, competência e pertencimento.

De uma perspectiva foucaultiana, os contextos de estudo no exterior funcionam como espaços nos quais os indivíduos são simultaneamente capacitados e limitados. Eles oferecem oportunidades de desenvolvimento, reconhecimento e transformação, ao mesmo tempo em que impõem normas que regulam a participação e moldam a subjetividade.

A internacionalização surge, assim, como um fenômeno complexo e ambivalente, envolvendo tanto transformação quanto regulação, inclusão e exclusão, oportunidade e limitação.

5 SÍNTESE ANALÍTICA

A análise desenvolvida ao longo deste estudo demonstra que a internacionalização não pode ser compreendida adequadamente por meio de estruturas lineares ou baseadas em resultados. Em vez disso, ela surge como um processo multidimensional e marcado por relações de poder, no qual a língua, a identidade e as práticas institucionais se cruzam. A trajetória analisada revela que a internacionalização envolve pelo menos quatro dimensões interligadas: a transformação linguística, na medida

em que a língua medeia o acesso à participação e ao reconhecimento; a negociação cultural, à medida que os indivíduos lidam com as diferenças e reconfiguram significados.

Desenvolvimento pessoal, à medida que as subjetividades são remodeladas pela experiência; Posicionamento institucional, à medida que o reconhecimento e a legitimidade são construídos. Essas dimensões não são independentes. Elas operam de forma relacional, moldando a maneira como os indivíduos vivenciam e interpretam a internacionalização. A linguagem, em particular, funciona como um eixo central que conecta esses processos, possibilitando a participação e, simultaneamente, regulando-a. É importante ressaltar que este estudo propõe uma mudança crítica de perspectiva: a internacionalização não é algo que os indivíduos simplesmente passam, mas algo que é ativamente produzido por meio de práticas discursivas. Documentos institucionais, avaliações e reconhecimentos não são reflexos passivos do desempenho – são mecanismos que constroem sujeitos, definem legitimidade e regulam o sentimento de pertencimento.

Assim, a internacionalização deve ser entendida como um processo de produção discursiva de identidade, no qual os indivíduos são continuamente posicionados, reconhecidos e transformados dentro de sistemas de poder, destacando como a agência e a estrutura são constantemente negociadas em contextos institucionais e socioculturais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo examinou como a linguagem medeia a participação, o reconhecimento e a construção da identidade em contextos de estudos no exterior, oferecendo uma perspectiva discursiva e marcada pelas relações de poder sobre a internacionalização. Ao centrar-se na trajetória de Ed durante um programa de intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos, a análise destacou as maneiras pelas quais a linguagem opera não apenas como uma ferramenta comunicativa, mas como um mecanismo central por meio do qual as identidades são negociadas, validadas e reposicionadas. Os resultados sugerem que a internacionalização não é um processo linear de adaptação, mas uma negociação dinâmica e contínua moldada pelo discurso, pelas práticas institucionais e pelas relações de poder. No contexto dos estudos no

exterior, a linguagem surge como um local-chave de mediação, possibilitando o acesso à participação e ao reconhecimento, ao mesmo tempo em que regula formas de legitimidade e pertencimento.

Nesse sentido, a linguagem está profundamente implicada na produção da subjetividade, moldando a forma como os indivíduos passam a compreender a si mesmos e a serem compreendidos pelos outros em ambientes institucionais. De uma perspectiva teórica, este estudo contribui ao promover uma reconceitualização crítica da internacionalização como um processo discursivamente construído e influenciado pelo poder. Ao integrar as noções foucaultianas de discurso e subjetivação com perspectivas contemporâneas sobre identidade e mobilidade, ele oferece um quadro que captura a natureza relacional, situada e em evolução da experiência educacional internacional.

Mais especificamente, o estudo destaca como o estudo no exterior funciona como um espaço onde a língua, a identidade e o poder se cruzam, gerando tanto oportunidades de transformação quanto condições de regulamentação. Do ponto de vista metodológico, o estudo resalta o valor da análise documental para compreender processos que muitas vezes são difíceis de observar diretamente. Ao tratar os artefatos institucionais como textos discursivos, a análise revela como o reconhecimento, a legitimidade e o sentimento de pertencimento não são simplesmente vivenciados, mas ativamente construídos por meio de práticas cotidianas e estruturas de avaliação. Essa abordagem permite uma compreensão mais matizada de como a internacionalização é vivida no nível das trajetórias individuais.

Do ponto de vista prático, os resultados sugerem que as instituições devem ir além de modelos simplificados de internacionalização focados exclusivamente na mobilidade e no desempenho. Deve-se dar maior atenção à forma como a língua medeia a participação e como as práticas institucionais moldam as experiências dos estudantes em relação à identidade, ao reconhecimento e ao pertencimento. Apoiar estudantes internacionais, portanto, envolve não apenas facilitar a mobilidade, mas também criar ambientes que reconheçam recursos linguísticos e formas de identidade diversificados. É importante ressaltar que este estudo destaca a natureza ambivalente das experiências de estudo no exterior.

Embora possam oferecer oportunidades de crescimento, reconhecimento e ampliação da identidade, elas também são moldadas por normas e

expectativas que podem restringir a participação e marginalizar formas alternativas de conhecimento e expressão. Essa dualidade reforça a necessidade de abordar a internacionalização como um processo complexo e marcado pelo poder, em vez de um fenômeno universalmente positivo.

Em última análise, este estudo apela a um repensar da internacionalização – não apenas como mobilidade, mas como um processo profundamente social, discursivo e carregado de poder, no qual a língua, a identidade e os estudos no exterior estão fundamentalmente interligados. Reconhecer essa interconectividade é essencial para desenvolver abordagens mais críticas, reflexivas e inclusivas à educação internacional no mundo contemporâneo.

Em um nível mais amplo, essas descobertas se relacionam com os debates globais em curso sobre equidade, acesso e a reconfiguração do conhecimento na educação internacional, destacando a necessidade de examinar criticamente como as práticas institucionais reproduzem ou desafiam as estruturas de poder existentes.

6.1 Limitações e pesquisas futuras

Este estudo limita-se a um único caso e baseia-se principalmente em dados documentais. Embora essa abordagem permita uma análise aprofundada, ela não abrange todas as dimensões da experiência do aluno, particularmente aquelas relacionadas à percepção pessoal e à interação.

Pesquisas futuras poderiam ampliar este trabalho ao: incluir múltiplos participantes; incorporar entrevistas e observação etnográfica; explorar trajetórias longitudinais; examinar diversos contextos geográficos e institucionais

Tais estudos contribuiriam para uma compreensão mais ampla da internacionalização como um fenômeno global e heterogêneo.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2005). *Identity: Conversations with Benedetto Vecchi*. Polity Press.
- Brooks, R., & Waters, J. (2021). *Student mobilities, migration and the internationalization of higher education*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-64243-2>

- Canagarajah, S. (2013). *Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203120293>
- Darvin, R., & Norton, B. (2021). Investment and identity in language learning. *Annual Review of Applied Linguistics*, 41, 1–15. <https://doi.org/10.1017/S0267190521000057>
- De Wit, H. (2020). Internationalization of higher education: The need for a more ethical and qualitative approach. *Journal of International Students*, 10(1), i–iv. <https://doi.org/10.32674/jis.v10i1.1893>
- Dervin, F. (2022). *Interculturality in education: A theoretical and methodological toolbox* (2nd ed.). Palgrave Macmillan.
- Foucault, M. (1972). *The archaeology of knowledge*. Pantheon Books.
- Foucault, M. (1977). *Discipline and punish: The birth of the prison*. Pantheon Books.
- Foucault, M. (1982). *The subject and power*. *Critical Inquiry*, 8(4), 777–795. <https://doi.org/10.1086/448181>
- García, O., & Kleifgen, J. A. (2021). *Educating emergent bilinguals*. Teachers College Press.
- Hall, S. (1996). *Who needs “identity”?* In S. Hall & P. du Gay (Eds.), *Questions of cultural identity* (pp. 1–17). SAGE.
- King, R., & Raghuram, P. (2022). *International student migration and the global knowledge economy*. Edward Elgar. <https://doi.org/10.4337/9781839102929>
- Kramersch, C. (2009). *The multilingual subject*. Oxford University Press.
- Leask, B. (2021). *Internationalization of the curriculum*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003099369>
- Li, W. (2020). *Translanguaging as a practical theory*. *Applied Linguistics*, 41(1), 9–30. <https://doi.org/10.1093/applin/amz023>
- Marginson, S. (2022). *Global science and national comparison*. *Higher Education*, 83, 1–20. <https://doi.org/10.1007/s10734-021-00721-5>
- Merriam, S. B., & Tisdell, E. J. (2016). *Qualitative research* (4th ed.). Jossey-Bass.
- Norton, B. (2013). *Identity and language learning* (2nd ed.). Multilingual Matters.
- Pennycook, A. (2021). *Critical applied linguistics* (2nd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429506468>
- Rizvi, F. (2023). *Global mobility and education*. Routledge.
- Stein, S. (2020). *Critical internationalization studies*. Routledge.
- Teichler, U. (2020). *International student mobility*. *Higher Education*, 79, 1–15. <https://doi.org/10.1007/s10734-019-00482-3>
- Unesco. (2021). *Global flow of tertiary-level students*. <http://uis.unesco.org>

Apêndice – Ed recebendo a certificação de excelência



Fonte: Arquivo pessoal.